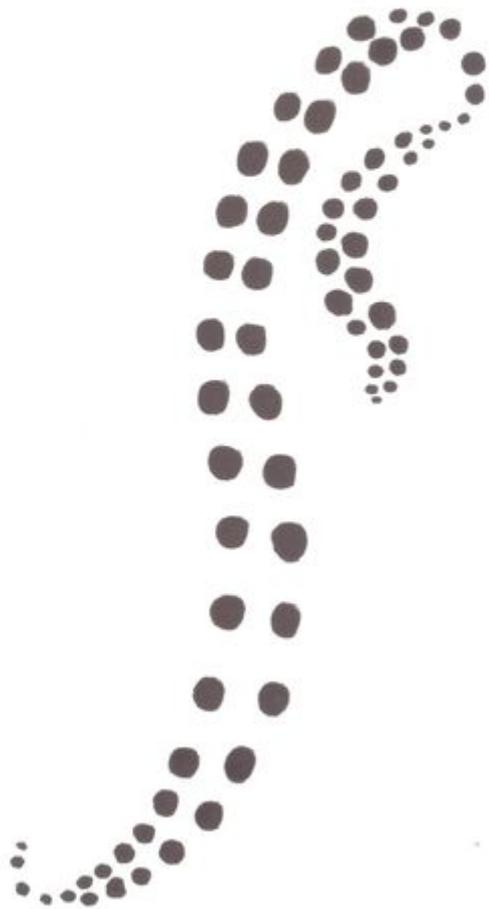


Poemas | Ricardo Aleixo

14/01/2020

Alheio

escolho ouvir,



sei muito bem que o risco não é pequeno, meio
adormecido no banco do
ônibus, a não ser que ela voltasse a cabeça, não
pensamos palavras,
mas a cada novo
ângulo descortinado, sempre a ponto
de cair, é

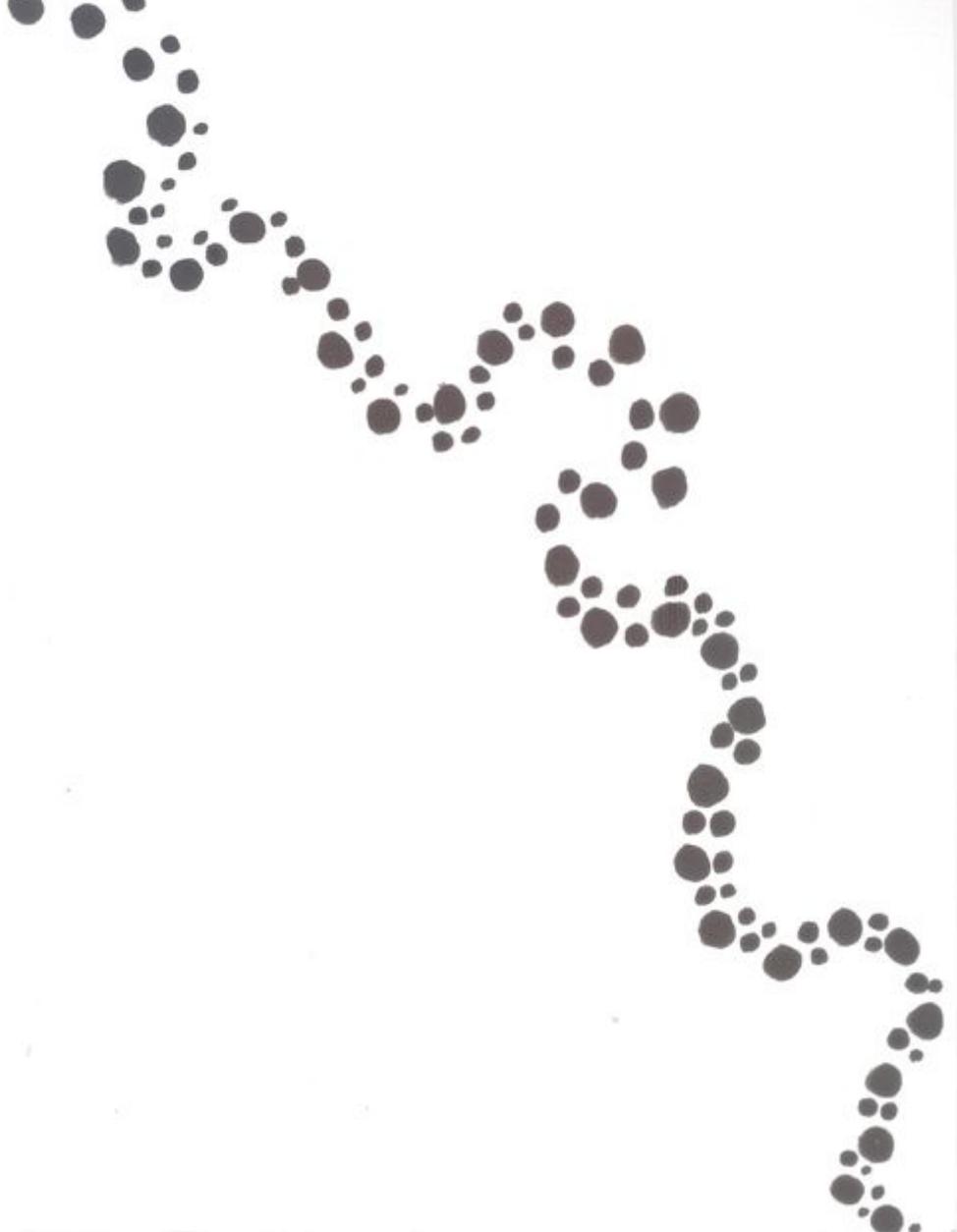
quando o sujeito retorna, escolho
não falar, não

considero prudente
falar, ela insiste,

a imagem fixa na retina,
rastros na areia, chega

um momento em que já não se pode
recuar, um garoto sonha e ri muito

alto, guardar sigilo,
uma página em branco,



o pensamento um corte,
animais de corpos cilíndricos,

imaginar o que há
dentro de uma árvore,

escolho olhar o fogo, ainda ontem, o todo inacabado,
dois seixos na beira do lago, falava alheio,

uma sequência de desvios, ouvia sem entender,

estou só, aqui, escrito

Qualquer voz

Agora, ali, era muito antes. Consegue imaginar a voz da moça de outro dia, caída na rua, mas ainda respirando? Coisas postam-se entre elas mesmas, interrompidas. Onde começa e onde termina o olhar? Outro verbo sem presente: morrer. Eu não disse lembrar — imaginar foi o que eu disse. Consegue? A voz dela, alguma voz que você nunca ouviu, qualquer voz. Antes de alguma coisa, ali. O olhar talvez comece antes das pálpebras se abrirem. E acaba? Não acaba.

Ricardo Aleixo é poeta, artista visual, designer sonoro, compositor, cantor, editor e curador de eventos culturais. Publicou oito livros, entre os quais Modelos vivos (2010 — finalista dos prêmios Jabuti e Portugal Telecom em 2001) e Mundo palavreado (2013). Nasceu em Belo Horizonte (MG), onde vive.